

A FÉ CONTRA O CRIME: UMA ANÁLISE BAKHTINIANA DA IMAGEM DOS EVANGÉLICOS NO BRASIL NA CAPA DA REVISTA VEJA

A FÉ CONTRA O CRIME: A BAKHTINIAN ANALYSIS OF THE IMAGE OF EVANGELICALS IN BRAZIL IN THE COVER OF VEJA MAGAZINE

Laryssa Érika Queiroz Gonçalves¹
João Batista Costa Gonçalves²

RESUMO: O presente trabalho, fundamentado no conceito de excedente de visão, que é discutido em algumas obras do Círculo bakhtiniano, como, principalmente Bakhtin (2010a) e Bakhtin (2010b), tem como objetivo central analisar a imagem dos evangélicos em uma capa veiculada pela Revista Veja a partir das categorias bakhtinianas de exotopia, alteridade e entonação e, conseqüentemente, os efeitos de sentidos decorrentes delas. Logo, ancorados na perspectiva dos Estudos Bakhtinianos (EB), analisamos a capa de revista, procurando apreender os sentidos construídos neste gênero de base verbo-visual. Para a constituição do corpus de análise, selecionamos a capa de edição 1555, publicada em 15 de julho de 1998, na Revista Veja, intitulada *A fé contra o crime: Numa cruzada em presídios e redutos de traficantes, os evangélicos estão convertendo bandidos em soldados de Jesus*, para analisar de que forma a Revista, do seu lugar discursivo, se apropria da imagem dos evangélicos e a representa com suas entonações em seus enunciados. Da análise, podemos afirmar que Veja constrói uma imagem que tende à homogeneização dos evangélicos no Brasil, a partir de seu excedente de visão, com tom de sarcasmo, preconceito e vilanização deste grupo cristão, intentando posicionar o consumidor/leitor de Veja contra a esfera protestante. A conclusão desta pesquisa, portanto, é a de que a posição exotópica assumida por Veja em relação à sua alteridade, a esfera discursiva evangélica, articula apreensões axiológicas materializadas em forma de entonação na capa da Revista que analisamos, divulgando, com o caráter de verdade, o grupo protestante como integrante de contínuos conflitos. Embora, a capa figure o grupo como um agente de mudança na sociedade, essa mudança é entonada pela Revista de modo a parecer falsa ou, no mínimo, incompleta, o que mune os leitores de Veja de uma desconfiança e, portanto, descrédito às ações da esfera discursiva discutida.

PALAVRAS-CHAVE: Exotopia; Entonação; Veja.

ABSTRACT: The present paper, based on the concept of surplus of vision discussed in some works of the bakhtinian Circle, as, mainly Bakhtin (2010a) and Bakhtin (2010b), has the main aim to analyse the image of evangelicals in a cover delivered by Veja magazine from the bakhtinian categories of exotopy, otherness and expressive intonation and, consequently, the meaning effects resulting from them. Therefore, anchored by the perspective of Bakhtinian Studies (BS), we analysed the magazine cover, seeking to apprehend the meanings constructed by this genre of verb-visual basis. To the constitution of the corpus of analysis, we selected the cover of the edition 1555, published on July, 15, 1998, entitled *A fé contra o crime: Numa cruzada em presídios e redutos de traficantes, os evangélicos estão convertendo*

¹ Mestre em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada (POSLA), da Universidade Estadual do Ceará (UECE). E-mail: queiroz_laryssa@hotmail.com

² Professor titular da Universidade Estadual do Ceará (UECE), professor titular do Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada (POSLA) da UECE, doutor em Linguística Aplicada pela Universidade Federal do Ceará (UFC), pesquisador na área de Estudos Bakhtinianos. E-mail: jbcgon@ig.com.br

bandidos em soldados de Jesus, to analyse in which way the magazine, from its discursive place, appropriates the image of the evangelicals and represents it with its intonations in its statements. From the analysis, we can state that *Veja* constructs an image that tends to the homogenization of the evangelicals in Brazil, from its surplus of vision, with its tone of sarcasm, prejudice and vilification of this group, attempting to position the consumer/reader of *Veja* against the protestant sphere. The conclusion of this research, therefore, is that the exotopic position assumed by *Veja* with regard to its otherness, the evangelical discursive sphere, articulates axiologic apprehensions materialized in the form of intonation on the cover of the magazine that we analysed, disseminating, with the character of truth, the protestant group as integrant of continuing conflicts. Although the cover figures the group as an agent of change in society, this change gets the intonation by the magazine so that it seems false or, at least, incomplete, which equips the *Veja* readers of mistrust and, therefore, discredit to the actions of the discussed discursive sphere.

KEYWORDS: Exotopy; Expressive intonation; *Veja*.

INTRODUÇÃO

Para usarmos termos bakhtinianos, podemos afirmar que, no Brasil, já desde o século XVI, o protestantismo reclama espaço para propagar suas crenças religiosas e valores éticos ao procurar refratar o meio em que vive a partir de sua cosmovisão e de sua ideologia. Durante este período, o protestantismo ganhou significativa projeção social no País pelas várias conquistas que conseguiu, como, por exemplo, o direito de os seus seguidores prestarem livre culto e de manifestarem sua crença publicamente, incitando respostas, muitas vezes adversas, de outros grupos ideológicos.

Desta forma, o fato, por exemplo, de uma revista brasileira como a *Veja* ter dado espaço ao discurso evangélico ratifica a maior atenção que esse grupo social passou a receber na sociedade, já que um instrumento midiático de grande influência no País elegeu o crescimento do movimento pentecostal³ como a principal notícia da semana em que foi veiculada, a ponto de documentá-la em uma de suas capas.

Vale salientar que a capa de revista aqui analisada data de 1998, época em que o protestantismo, na sua versão pentecostal, teve grande visibilidade pública e social no Brasil pelo seu grande crescimento. Os anos 90 também foram marcados entre nós pela ascensão do chamado neopentecostalismo⁴. Este movimento se apresentava, de um lado, com uma

³ O crescimento do movimento causou uma grande reação da Igreja Católica, a ponto de, como resposta, surgir, neste período, o chamado movimento carismático. Esta vertente do catolicismo procura se assemelhar ao movimento pentecostal ao defender a crença de que as manifestações do Espírito Santo³ não se circunscreveram ao evento de Pentecostes, como relatado no livro de Atos, capítulo 2, mas se estendem até os nossos dias.

⁴ Esta vertente, nascida no seio do pentecostalismo tradicional, teve início na segunda metade dos anos 70 e é assim designada neste trabalho por já ser um termo consagrado entre estudiosos da área, como Mariano (2010), e pelas próprias igrejas se intitularem deste modo. Além disso, o prefixo *neo* remete tanto à recente fundação,

doutrina que abandonava os usos da indumentária recatada e simples como marca de uma vida de santidade, conforme propunha o pentecostalismo tradicional e, de outro lado, com promessas, feitas em programas de rádios e TVs, de que a vida próspera do cristão era proporcional à sua fé. Este discurso acabou ganhando simpatia e gerando um grande sucesso proselitista. Assim, é também por este motivo que escolhemos analisar a capa da *Veja* “A fé contra o crime”, que, por ter sido publicada nesse período, se configura como mais uma voz na esfera social e midiática para compor este grande debate que se desenrolava à época de tentar explicar o avanço expressivo do (neo)pentecostalismo⁵.

A Revista *Veja*, segundo o site do grupo Abril, “maior revista do país e a terceira maior revista semanal de informação do mundo” (Disponível em: <http://grupoabril.com.br/pt/quem-somos/roberto-civita/biografia>), se configura no contexto nacional como uma voz de credibilidade e de influência frente aos assuntos que atravessam os discursos das mais variadas esferas sociais, tornando-se, assim, argumento de autoridade no debate dos fatos que ela traz à tona. Assim, o discurso de *Veja* nos serve como documento histórico, ideológico, social, político, cultural e, em especial para essa pesquisa, como documento que trata de questões religiosas de nosso País.⁶

Diante disso, este trabalho se propõe a analisar, a partir dos Estudos Bakhtinianos (EB), a imagem acerca dos evangélicos no Brasil construída pelo material verbo-visual presente na capa da Revista *Veja A fé contra o crime*. Para esta análise, utilizaremos as categorias bakhtinianas de exotopia, alteridade e entonação.

A título de organização, o trabalho seguirá algumas etapas que nos permitirão expor, de modo mais didático, os elementos que envolvem esse estudo. Para tanto, trataremos inicialmente do conceito de dialogismo, como princípio constitutivo da linguagem, que fundamenta todo o pensamento do Círculo. Após isto, teceremos breves considerações acerca do conceito bakhtiniano de exotopia e sua relação com outros dois conceitos igualmente importantes para o nosso estudo: o conceito de alteridade e o de entonação. Feitas as considerações teóricas, deter-nos-emos na análise da capa de revista, a fim de aplicar os conceitos discutidos. Ao final do trabalho, seguem algumas conclusões sobre os resultados a que chegamos no momento de análise.

quanto às novidades implantadas. Suas principais características, segundo Mariano (2010), são a ênfase à guerra espiritual contra o Diabo e seus anjos, a pregação veemente da Teologia da Prosperidade, o abandono dos estereótipos de usos e costumes como marca de santidade e a estruturação financeira e empresarial.

⁵Para uma interpretação sociológica do crescimento deste novo pentecostalismo no Brasil, ver Mariano (2001).

⁶ Entendendo que todo texto é um documento sócio-histórico cultural de sua época, a Revista *Veja*, nesse sentido, interessa à nossa pesquisa por ser esse um documento de grande influência e alcance no Brasil e, além disso, por configurar até hoje como voz de autoridade em muitas esferas discursivas.

DIALOGISMO COMO PRINCÍPIO CONSTITUTIVO DA LINGUAGEM

O Círculo de Bakhtin defende em seus estudos a premissa de que todo enunciado faz parte de uma grande cadeia discursiva de outros enunciados, sendo assim, nenhum discurso é completamente novo e/ou individual. Essa concepção é a ideia basilar dos estudos bakhtinianos, pois serve de fundamento para todos os demais conceitos engendrados por essa teoria.

Segundo Bakhtin/Voloshínov (1981)⁷, todas as relações éticas, históricas e sociais são desenvolvidas, articuladas e capazes de criar relações mais complexas, mais amplas, a partir de um centro, o diálogo entre sujeitos.

Todos os enunciados, sejam eles verbais, visuais, verbo-visuais, gestuais, sonoros, etc., estão dialogando entre si, construindo significados, respondendo-se em maior ou menor grau, e, deste modo, estão desenvolvendo a língua, dando a ela fôlego de vida. Dito de outra maneira, da mais tímida e rápida conversa de elevador aos mais íntimos pensamentos solitários, tudo está conectado com enunciados anteriores e posteriores, logo, todo discurso está eivado de vozes alheias que, corroborando ou subvertendo seus significados, estão presentes em todos os modos desse diálogo universal e auxiliam na sua construção e articulação. Mesmo enunciados aparentemente desconexos entre si fazem parte de uma rede maior de interação social e estão ligados por ela através de algum traço remoto de sentido, de marca histórica, política, etc. Essa rede de interação social é denominada, na teoria bakhtiniana, de dialogismo.

Segundo o dialogismo, nenhum sujeito é a fonte pura, inteira de seu dito e nem de seus atos ainda que estes estejam no centro da enunciação. Além disso, não há maior importância para um dos pólos da enunciação dialógica, ambos, locutor e interlocutor são igualmente essenciais e assumem posições responsivo-ativas. Ou seja, de acordo com o dialogismo, todo dito responde a ditos anteriores a ele e este mesmo é base para outros dizeres, ainda que estes não surjam em colaboração com ele ou para corroborar com seus sentidos.

Por isso, o dialogismo é, por vezes, comparado pelo Círculo a uma cadeia ininterrupta de enunciados, por se desenvolver em fluxo contínuo em que o novo é gerado pelo velho que é atualizado e responde, interpela e gera outros enunciados. Esse caráter intermitente é o que confere a vivacidade da linguagem e, segundo o pensamento dialógico,

⁷Consideramos que Voloshínov, segundo Brandist (2002), é o autor da obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, mas a edição brasileira desta obra utilizada neste estudo utiliza ainda o nome de Bakhtin (Voloshínov). Em razão disso, ao nos referimos a esta obra, resolvemos preservar o nome dos dois autores russos.

dá dinamicidade à língua.

A partir de conexões dialógicas mais frequentes entre enunciados que, embora diferentes, partilham de uma mesma fundamentação, é que grupos sociais - uma dada cultura, uma dada sociedade - se comunicam, se constituem e se fortalecem pela reiteração de juízos de valor, de entonações, de posicionamentos sociais, enfim, de discursos. Ao mesmo tempo em que os enunciados são novos e irrepetíveis, pelas novas condições de produção, também estão ligados dialogicamente e constituem uma historicidade, um gênero.

Não só os grupos sociais se constituem pela interação, também os sujeitos, aqueles que falam e agem. O sujeito é constituído, assim, por meio da linguagem e em estrita relação com a alteridade. Ele é essencialmente e inteiramente dialógico e, por isso, se constitui a partir de outros discursos, logo, de outros sujeitos. O sujeito bakhtiniano passa ao largo de ser apenas o sujeito biológico; ele é ser social, agente responsivo-ativo no mundo em que vive e que também, como ele, é construído pela linguagem, pelo discurso. Sendo assim, o dialogismo não se encerra apenas na intrínseca relação entre enunciados concretos, de natureza diversa, mas também lança luz sobre a estreita relação entre os sujeitos do discurso, logo, se o dialogismo pressupõe um enunciado dado que gera e é gerado, significa e é significado por um novo, o faz também com um eu que gera e é gerado, reflete e refrata por um tu.

É no processo vivo e tenso das réplicas e antecipações das respostas alheias na formulação dos futuros enunciados desse diálogo que os indivíduos se constituem sócio-historicamente e assumem posições axiológicas frente a significados diversos, reiterando-os, acrescentando-os e, assim, ressignificando-os. O diálogo bakhtiniano, portanto, é a reação do eu ao outro entre círculos de valores, entre forças sociais. (MARCHEZAN, 2006), em que cada voz assume posição ética e ideológica, pois, linguagem é o ato ético pelo qual o sujeito se posiciona, significa e age.

Como percebemos, afirmar que o sujeito é também, como a linguagem, constitutivamente dialógico não abre margem para considerar o sujeito bakhtiniano como assujeitado. Esse sujeito, formado por inúmeras vozes concordantes e discordantes, é, como já dissemos, responsável por seus enunciados, porque é responsivo diante de outros enunciados. As escolhas feitas, a interação dessas vozes sociais na consciência individual, a formação sócio-histórica de cada sujeito é única. Dito de outra forma

Cada um de meus pensamentos, com o seu conteúdo, é um ato singular responsável meu; é um dos atos de que se compõe a minha vida singular inteira como agir ininterrupto, porque a vida inteira na sua totalidade pode

ser considerada como uma espécie de ato complexo: eu ajo com toda a minha vida, e cada ato singular e cada experiência que vivo são um momento do meu viver-agir. [...] A valoração do pensamento como ato individual leva em consideração e contém em si, de forma plena, o momento da validade teórica do pensamento-juízo; a valoração do significado do juízo constitui um momento necessário na efetivação do ato, apesar de não exaustivo. (BAKHTIN, 2010b, p. 44,45).

Considerar o dialogismo é considerar também a voz e, logo, as posições sócio-ideológicas de no mínimo dois sujeitos, o que implica dizer também que esse encontro de vozes é ao, mesmo tempo, confronto, que nem sempre é conflituoso, mas, mesmo amistoso, considera as diferenças dos sujeitos, não as apaga e necessita delas. Assim, o fato de o termo “dialogismo” remeter ao termo “diálogo” em nada pressupõe uma total conciliação entre as vozes que o permeiam. O dialogismo é campo de tensões, para utilizar um termo do Círculo⁸, é uma *arena* em que disputam sentidos a fim de que um ou outro prevaleça ou ainda que desta disputa surja outro que não existia, isto é, que é fruto da disputa, cada um desses resultados leva consigo, mesmo que discordante, a presença do outro em seu enunciado.

Essa disputa pela hegemonia do sentido não acontece de forma aleatória ou igualitária, isto é, nem todos os modos de significar têm a mesma “força”, então, o confronto na arena dos sentidos envolve também e totalmente a dimensão política. Assim, cada sentido faz parte de uma esfera sócio-político-ideológica que possui determinado poder e intenta mostrá-lo.

Os sujeitos se expressam e atuam no mundo com os mais variados tipos de enunciados, sejam verbais, visuais, sonoros ou gestuais e é importante destacar que em todos esses enunciados há articulações dialógicas entre vozes com ideologias diversas. Assim, ainda que Bakhtin e o Círculo tenham aplicado suas concepções apenas em textos verbais, sua teoria abrange elementos semióticos vários, pois, se é produto humano, é passível de análise dialógica. Essa posição transdisciplinar assumida pelos Estudos Bakhtinianos é o que nos afiança a possibilidade de analisar material verbo-visual⁹, como se fará posteriormente neste trabalho.

⁸ Quando utilizamos o termo Círculo, referimo-nos ao, como ficou conhecido, Círculo de Bakhtin, que recebeu esta denominação por estudiosos, como Clark & Holquist (2004), por acreditarem ser Bakhtin o líder do grupo na época em que os estudos do Círculo começaram a ser analisados no campo da Linguística. O Círculo de Bakhtin, do qual participavam também Voloshinov e Medvedév, na verdade não se autodenominava assim e era formado por um grupo de pensadores da linguagem, bem como das mais variadas áreas, como filosofia, literatura e música, que se reunia, escondido do regime russo, para discutir sobre a linguagem e sobre tudo o que dizia respeito ao homem na sua condição de sujeito em interação.

⁹ O verbo-visual é um tipo de texto que se constitui na articulação entre duas dimensões da linguagem: a linguística (oral ou escrita) e a imagética, de forma que, diante de um tipo de texto desta natureza, devemos, enquanto analistas, considerar que os sentidos aí não são construídos em separado, mas se formam pelo diálogo destas duas linguagens em que uma ajuda a dar sentido à outra.

EXOTOPIA E ALTERIDADE

O termo exotopia cunhado por Todorov, na obra *Le principe dialogique*, de 1981, quando numa tradução para o francês de um termo bakhtiniano em russo, não poderia ser melhor designado, pois compendia o cerne da noção apregoada por Bakhtin de “lugar fora da pessoa que sofre” (BAKHTIN, 2010a, p. 25). Longe de significar desdém ou indiferença, o exercício exotópico consiste na tensão entre dois olhares, dois modos de ver o mundo. É perceber o outro e tentar apreendê-lo de dentro, ou seja, como ele vê, o que sente. É ocupar seu lugar, tentar ser o outro por um instante e entender do que e como ele se apodera do mundo, para retornar ao meu lugar de observador, criador estético, pesquisador ou interlocutor de um diálogo e apreendê-lo agora com meu olhar, a partir de minhas experiências, inclusive - e essa tem bastante importância nesse momento - a de ocupar o seu lugar, o do outro, o que não mais me permite analisar pelo mesmo prisma, do mesmo ângulo, com os mesmos significados que dantes.

Podemos afirmar, então, que o conceito de exotopia se refere à atividade criadora. Primeiramente o autor lança luz sobre a atividade estética para depois ampliar essa visão para a pesquisa em Ciências Humanas. Para Bakhtin, analisar determinado corpus não é puramente examiná-lo de modo neutro, sem “sujar as mãos”, é interagir com o objeto de pesquisa, criando-o, construindo-o, refletindo-o e refratando-o e sendo refletido e refratado por ele. Ao inserir a pesquisa em Ciências Humanas no campo da exotopia, Bakhtin também afirma que pesquisador e objeto fazem parte da pesquisa e que essa só existe e tem sentido com a presença e interação entre esses dois que ocupam, concomitantemente, tanto o lugar de eu, quanto o de outro.

É importante ressaltar que o termo exotopia recebe outras denominações, podendo ser encontrado como excedente de visão em *Estética da criação verbal*, tanto na tradução de Paulo Bezerra, quanto na de Maria Ermantina Galvão G. Pereira, e também como extralocalidade, no texto O problema do conteúdo, do material e da forma na arte verbal, de Faraco (2009), na obra *Bakhtin, dialogismo e polifonia*.

Assim como Bakhtin, não concebemos esses dois conceitos separadamente, pois é inviável tratar de exotopia e não citar alteridade e vice-versa. Elas são condição de existência uma da outra, isto é, só há o excedente de visão daquele que observa, porque há uma alteridade que vê sob determinado lugar inacessível a este primeiro e com quem este interage a fim de fornecê-lo seu ponto de vista. Assim, qualquer participante do discurso é, ao mesmo

tempo, eu e outro, com modos de ver e interpretações axiológicas igualmente interdependentes.

O eu, aquele que é observado, percebe sua vida sempre como inacabada, como um instante, um eterno vir a ser, por isso, sua visão em relação aos elementos que lhe significam é limitada, pois não tem acesso a tudo o que o outro, aquele que observa, tem, a partir do lugar que ocupa. Em contrapartida, o fato de o eu viver sua vida de dentro, fá-lo sentir emoções que não são vivenciadas pelo observador e que significam no modo de interagir com e significar o mundo.

O outro me contempla como objeto no mundo, sua visão vai além da minha, por isto, preciso de sua visão. Ela me completa. A falta e a inconclusibilidade percebida por mim é preenchida e, ao menos que provisoriamente, resolvida pela visão do outro, pois o mundo para mim, do lugar em que vivo e observo é parte de mim, de minha existência, já o outro consegue vê-lo à minha volta, enxerga-o de outra perspectiva, essa mais generalizadora. Sendo assim, este outro elabora sínteses sobre mim, sobre minha existência. Só ele enxerga elementos para os quais eu permaneço cego e, por este motivo, é o único capaz de concluir-me por alguns instantes.

É importante frisar neste momento que, em *Estética da Criação Verbal* (2010a), Mikhail Bakhtin distingue três movimentos que compõem o exercício exotópico. São eles: Contemplação – o observar de fora; Compenetração – o observar de dentro; Acabamento – a análise de fora que se dá a partir daquilo que foi observado. Segundo o filósofo da linguagem, a extralocalidade propriamente dita pode ser resumida em dois principais movimentos: o de compenetração e o de acabamento, pois a contemplação é apenas o primeiro instante de observar a alteridade. Além disso, esses dois movimentos recebem denominações diferentes na obra *Para uma filosofia do Ato Responsável* (2010b), pois, ao caracterizar a exotopia, Bakhtin chama a compenetração de empatia e o acabamento de objetivação. Por este motivo, nos sentimos à vontade para utilizar um ou outro desses termos.

A empatia (ou compenetração) é o primeiro ponto no movimento exotópico, seguindo-o, a objetivação (ou acabamento). Esses dois movimentos, no entanto, não se dão de forma estanque e cronológica, são concomitantes¹⁰.

O movimento de compenetração e o de acabamento não são pura e simplesmente

¹⁰ A respeito desta questão, preferimos nos deter mais pormenorizadamente na próxima sessão sobre o exercício de acabamento por compreender sua intrínseca relação com a entonação expressiva e, além disso, por entendermos que há maior didaticidade na explicitação desses conceitos tão complexos e valiosos a esta pesquisa, se deslindarmos cada um de modo separado.

para que o outro analise o eu, mas, para oferecer ao eu uma visão que ele não tem acesso, ou seja, permitir que ele se veja a partir de outra perspectiva, ocupe o lugar de sua alteridade para se vivenciar de maneira diferente, com outros sentidos, a fim de transformar seu modo de existência e compreender-se mais como sujeito inscrito no mundo. Sendo assim, à exotopia não interessa apenas eu e outro ocupando seus lugares singulares do momento de interação, isso se dá a fim de promover mudança. No âmbito da pesquisa, poderíamos afirmar que o gesto exotópico pressupõe intervenção.

É um acréscimo de visão que acrescenta também outra consciência. O processo exotópico ocorre exatamente quando, acrescido do excedente de visão de minha alteridade, retorno a mim e, como se me visse de fora, com o olhar do outro, modifico-me, (alter)o-me, isto é, executo o que o outro me sugere por sua vista, atualizando meus sentidos.

A visão oferecida pelo outro, os sentidos que ele me acrescenta, não necessariamente têm de ser aceitos pelo eu, esses são, como em todo campo dialógico, uma arena de lutas. É certo que o outro lugar, ocupado por mim através da alteridade, mune-me de outros olhares e valores, mas estes podem ser refletidos e refratados. É evidente que de um modo ou de outro, escolhendo uma ou outra posição ocupo o lugar do outro, tenho acesso a seu excedente de visão e, a partir disso, posso me posicionar utilizando também elementos desta nova visão. Não sou a mesma pessoa de antes do momento de inter-relação, sou mais completa, pois possuo tanto a visão do eu-para-mim, quanto do outro-para-mim, que me analisou exotopicamente. Este mesmo, depois de interpretado por mim, com meus sentidos, também é o eu, ou seja, também sou eu. Deste modo, tenho nova visão do eu-para-mim e dos outros tantos sentidos e elementos a serem descobertos e significados exotopicamente na relação com as alteridades que virão.

A empatia, portanto, nos serve como base para a objetivação. Esses dois movimentos combinados é que nos permitem oferecer a novidade ao outro, ou seja, o caráter surpreendente que só a extralocalidade oferece àquele que é contemplado. Se a exotopia não oferece algo novo, algo que surpreenda o outro, não pode ser caracterizada como tal, já que este outro não será enriquecido de novo olhar, de novo lugar, de novos sentidos e, logo, não motivará nenhuma mudança.

Mediante a empatia se realiza algo que não existia nem no objeto da empatia, nem em mim antes do ato da empatia, e o existir-evento se enriquece deste algo que é realizado, não permanecendo igual a si mesmo. E esta ação como ato, que cria algo de novo, já não pode mais ser um reflexo estético em sua essência, porque isso a tornaria exterior ao sujeito que age, à sua

responsabilidade (BAKHTIN, 2010b, p. 62).

Sendo assim, após a compenetração, eu e outro não são os mesmos do início da interação, pois, não apenas o contemplado é acrescido da visão inovadora de seu contemplador, mas ele mesmo tem sua visão ampliada de si mesmo e do mundo, quando é forjado a se pensar como outro, em um corpo alheio. O exercício exotópico, portanto, é duplamente enriquecedor e transformador, para ambas as partes envolvidas: eu/outro; contemplado/contemplador; pesquisador/objeto; corpus/pesquisa.

Portanto, a tensão e a diferença em Bakhtin não significam perda e sim ganho de sentidos, porque a língua é construída pela e na diferença, os embates pelo sentido só desenvolvem a língua, renovam-na em vez de destruí-la. Na próxima seção nos aprofundaremos um pouco mais no segundo movimento da exotopia, o acabamento ou a compenetração que se relaciona intrinsecamente à nossa segunda categoria bakhtiniana de análise a entonação.

EXOTOPIA E ENTONAÇÃO

Após o movimento exotópico da compenetração, o retorno a si é necessário, pois é a partir desse lugar, que o outro ocupa, que a análise se torna possível. Portanto, o ato de separar-se da alteridade para ocupar o lugar sócio-histórico único de fora dela é o ponto inicial e, segundo Bakhtin, o mais importante do evento exotópico.

O mundo do outro tem de ser vivido por mim como o mundo do outro, não posso confundir-me com ele no movimento de compenetração e passar a sentir como minhas as vicissitudes que são próprias do existir-evento dele. Como ratifica Bakhtin

A situação vital do sofredor, efetivamente vivenciada de dentro, pode me motivar para um ato ético: para a ajuda, a consolação, uma reflexão cognitiva, mas de qualquer modo a compenetração de ser seguida de um retorno a mim mesmo, ao meu lugar fora do sofredor, e só deste lugar o material da compenetração pode ser assimilado em termos éticos, cognitivos ou estéticos; se não houvesse esse retorno, ocorreria o fenômeno patológico do vivenciamento do sofrimento alheio como meu próprio sofrimento, da contaminação pelo sofrimento alheio, e só (BAKHTIN, 2010a, p. 24).

Então, é este retorno ao meu lugar de origem que me permite dar acabamento a este outro, isto é, enformá-lo em minhas apreciações axiológicas acrescidas tanto dos elementos

transgredientes que tenho da alteridade, quanto dos sentidos apreendidos do momento de empatia abnegada.

Assim como o fotógrafo flagra um dado momento (e com um determinado foco) daquilo que está diante da sua câmera, o indivíduo que observa captura o outro em uma imagem, emoldura-a e dá acabamento a ela com sentidos e elementos que excedem sua visão, fotografa-o com suas lentes de outro tentando captar os sentidos do eu.

Portanto, de modo geral, podemos caracterizar este momento exotópico como o exercício de reunir os elementos dos momentos de contemplação e de compenetração acrescidos de tons volitivos-emocionais, a fim de dar acabamento à imagem da alteridade para um momento-evento específico. É o nosso autor em destaque que dá a melhor das explicitações ao afirmar que:

[...] o sofrimento de um dado indivíduo, através dos elementos transgredientes a todo o mundo material da sua consciência sofredora, elementos esses que agora têm uma nova função, não mais comunicativa e sim de *acabamento*: a postura do corpo dele, que nos comunicava o sofrimento, conduzia-nos para o seu sofrimento interior, torna-se um valor puramente plástico, uma expressão que encarna e dá acabamento ao sofrimento expresso, e os tons volitivo-emocionais dessa expressividade já não são tons de sofrimento; o céu azul, que o abarca, torna-se um elemento pictural, que dá solução e acabamento ao seu sofrimento. E todos esses valores que concluem a imagem dele, eu os hauri do excedente da minha visão, da minha vontade e do meu sentimento. (BAKHTIN 2010a, p. 25 – grifo do autor).

Como vimos, o acabamento, além de reunir sentidos capturados tanto do momento de compenetração, quanto do de contemplação, também confere à alteridade elementos plástico-picturais dos tons volitivo-emocionais daquele que analisa, isto é, de sua vontade e de suas emoções, o que nos permite, então, pensar que esse exercício de acabamento pressupõe seleção. Dito de outra forma, o outro, de tudo o que vê do eu, escolhe esse ou aquele elemento para dar destaque, para evidenciar ou suavizar as linhas. Essa escolha é direcionada por princípios axiológicos deste outro, que põe de si no eu. Daí, ratificamos o que já afirmamos aqui de que, em relação à pesquisa, os dados não são meramente transcritos e computados e sim construídos, pois o pesquisador, o outro, é também parte ativa no instante de pesquisa, pois a pesquisa também é uma atividade criadora.

Esta objetivação, porém, de modo algum é descomprometida, “[...] a criação é sempre ética, pois do lugar singular do criador derivam-se valores” (AMORIM, 2006, p.105). A imagem objetificada construída pelo outro é sua assinatura e, por isso, implica

responsabilidade deste que a criou, pois, se ele atribui um valor seu a ela, responde por seu dito e sofre as consequências que se seguirem. O lugar que cada um dos interlocutores ocupa na situação de discurso é singular e exige responsabilidade dos participantes pelos atos éticos discursivos axiologicamente investidos no instante único e irreiterável de interação verbal.

Por isso, é necessário o retorno a si, para que haja o acréscimo do excedente de visão daquele que observa. Não é suficiente que este apenas tente apreender pelo que passa aquele a quem observa, mas que volte a ocupar o seu lugar no mundo, que é singular e único, com seus valores, em seu contexto, com suas experiências, inclusive esta nova de compenetração do outro, para daí fazer valer seus posicionamentos axiológicos, intervir com sua visão e de seu lugar para desvelar ao outro aquilo que ele não pode ver. A insubstituibilidade de minha posição exotópica exige responsabilidade, pois, como já explicamos, só eu posso ocupar o meu lugar no mundo, meu excedente de visão decorrente disso é singular e único, logo, essa visão privilegiada pressupõe responsabilidade com os sentidos conferidos à alteridade no instante de acabamento. Assim,

[...] a palavra viva, a palavra plena, não tem a ver com o objeto inteiramente dado: pelo simples fato de que eu comecei a falar dele, já entrei em uma relação que não é indiferente, mas interessado-afetiva, e por isso a palavra não somente denota um objeto como de algum modo presente, mas expressa também com a sua entonação [...] a minha atitude avaliativa em relação ao objeto – o que nele é desejável e não desejável – e, desse modo, movimentado em direção do que ainda está por ser determinado nele, torna-se momento de um evento vivo. (BAKHTIN, 2010b, p. 85, 86)

No entanto, como sabemos, não apenas a palavra é entonada, mas toda expressão discursiva e semiótica recebe entoação expressiva como impressão dos tons emotivo-volitivos de nossos enunciados.

A entonação ou entoação expressiva só ganha vida no enunciado concreto e localiza-se entre o verbal e não-verbal. Ela depende da situação sócio-histórico-ideológica de produção desse enunciado para exprimir um dos significados possíveis, dentre os vários, em determinados arranjos. Como explica Bakhtin: “A entonação expressiva é um traço constitutivo do enunciado. No sistema da língua, isto é, fora do enunciado, ela não existe. [...] Se uma palavra isolada é pronunciada com entonação expressiva, já não é uma palavra isolada, mas um enunciado acabado expresso por uma palavra” (BAKHTIN, 2010a, p. 290).

A entonação, portanto, é um auxiliar da significação. É o traço extralingüístico que transmite de modo mais claro e superficial a apreciação social, por isso, a entonação está

intrinsecamente relacionada ao instante de enunciação, à situação social, política e ideológica em que está inserida.

Nos vários campos da comunicação discursiva, o elemento expressivo pode apresentar significados e graus de força diversos. Constantemente há casos em que a entonação se liga a palavras ou orações a que não se costuma relacionar, mas o enunciador articula esses novos sentidos e confere possibilidade de uso de determinada palavra ou oração transmutada em enunciado pela expressividade entoativa. Como ratifica Voloshínov

No registro familiar, a entoação às vezes não tem nada a ver com o conteúdo do discurso. O material entoativo acumulado interiormente encontra muitas vezes uma saída em construções linguísticas que não são absolutamente adaptadas à entoação em questão. Mas ainda, a entoação não se integra no conteúdo intelectual, objetivo, da construção. Quando exprimimos os nossos sentimentos, damos muitas vezes a uma palavra que veio à mente por acaso uma entoação expressiva e profunda. (BAKHTIN/VOLOSHÍNOV, 1981, p. 134).

Deste modo, asseveramos que a entonação é um elemento de expressividade que necessita inteiramente dos marcos ideológicos da apreensão social e dos enunciadores que, por darem voz a ela, permitem o fôlego da palavra, que ganha matiz e sentimento quando entonada.

Como sabemos, o signo é um elemento da materialidade objetiva que toma forma ideológica e isso ocorre a partir das apreciações valorativas empregadas pela entonação. Portanto, é correto afirmar que não há signo sem ideologia e não há ideologia sem entonação. Como afirma Voloshínov em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*

Um produto ideológico faz parte de uma realidade (natural ou social) como todo corpo físico, instrumento de produção ou produto de consumo; mas, ao contrário destes, ele também reflete e refrata uma outra realidade, que lhe é exterior. Tudo que é ideológico possui um *significado* e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um *signo*. *Sem signos não existe ideologia* (BAKHTIN/VOLOSHÍNOV, 1981, p. 31 – grifos do autor).

O signo, então, está calcado em duas bases principais, a materialidade, isto é, ele tem de existir no mundo como elemento físico, como fenômeno; e a ideologia, aquilo que ele representa, remete. O signo aponta para um componente do mundo, para uma ideia, mas não ocupa exatamente o seu lugar.

Dito de outra forma, os signos são elementos situados, intrinsecamente ligados às suas condições histórico-sociais e são representantes de seus grupos de origem. Eles são as

marcas ideológicas da linguagem, pois refletem e refratam a realidade dos indivíduos de linguagem e são constantemente reinvestidos de novos significados. É importante salientar também que, a exemplo de nós sujeitos em relação com a alteridade, os signos só fazem sentido em conjunto, sendo comparados a outros signos, relacionando-se, isto é, como produtos e produtores humanos, os signos interagem entre si, assim como o fazem seus enunciadores. Por isso, só são concebidos como tais se contiverem essas duas faces: a ideológica, não-material, mas compreendida pelos sujeitos enunciadores do ambiente em que este signo circula; e a material, que é o meio pelo qual os signos podem ser identificados e compreendidos. Uma vez que a ideologia é abstrata, os signos necessitam de forma, de um corpo para que sejam reconhecidos, estabilizados e transformados.

Assim, todo signo é refletido, mantém certa semelhança com a realidade, e refratado, recebe tons ideológicos que o permite abandonar a realidade idêntica a si mesmo e representar outras. Por isso, ao exercício exotópico de acabamento, a refração é uma característica intrínseca, pois, à medida que retorno ao lugar de contemplador, reinscrevo em minha realidade os sentidos apreendidos no momento de compenetração, a partir do lugar sócio-histórico-ideológico singular que eu ocupo no mundo, ou seja, refrato esses sentidos e enformo-os para dar acabamento plástico-pictural à imagem da alteridade que observo.

A FÉ CONTRA O CRIME

A capa *A fé contra o crime* é a edição 1555 da Revista *Veja* e foi publicada em 15 de julho de 1998. É importante ressaltar que o gênero¹¹ capa de revista atua como um cartaz publicitário que divulga a identidade da revista e seu posicionamento político. Ela é a síntese da proposta ideológica da revista como esfera discursiva.

Como podemos perceber abaixo, a capa está disposta por uma fotografia que tem como fundo uma camisa branca de mangas compridas e colarinho inteiramente abotoado. Este homem, que traja a camisa que dá fundo à capa, segura, com a mão direita e com unhas limpas e devidamente cortadas, uma Bíblia aberta, com título e lado das páginas dourados. Além disso, no punho e no dedo médio, revelam-se duas tatuagens. O rosto deste homem não nos é revelado, mas inferimos facilmente que se trata de uma personagem do gênero masculino pelo modo como ele está vestido e pela sua mão, que possui traços masculinos,

¹¹ Para Bakhtin (2006), as esferas discursivas são esferas de atividade humana que estão submetidas aos usos da linguagem que se realizam por meio de enunciados concretos. Estes campos de utilização da língua elaboram seus tipos relativamente estáveis de enunciado, a que Bakhtin (2006) chamou de gêneros do discurso.

inferências essas confirmadas na descrição ao lado direito da imagem que diz: *Kellé, ex-viciado em drogas, hoje evangélico*. Logo abaixo da mão que segura a Bíblia há o enunciado: *A fé contra o crime*, em letras maiúsculas e tintas de vermelho e, abaixo deste, na cor branca, dispõe-se o enunciado: *Numa cruzada em presídios e redutos de traficantes, os evangélicos estão convertendo bandidos em soldados de Jesus*. Como vemos:



Figura 1 Capa da Revista *Veja* *A fé contra o crime*.

No período em que foi publicada esta capa, o protestantismo continuava crescendo, principalmente o pentecostalismo e o neopentecostalismo, e sua maior influência era na periferia dos centros urbanos, como podemos verificar em Matos (2006) quando afirma que “Diante das realidades de sofrimento e alienação que caracterizam a sociedade moderna, principalmente nos grandes centros urbanos, essas igrejas [as neopentecostais] oferecem espaços de solidariedade e acolhimento, gerando um forte senso de dignidade entre os seus participantes” (MATOS, 2006, p.45). Por sua influência junto às comunidades pobres, a Igreja já figurava como uma das responsáveis pela diminuição da criminalidade, função atribuída à polícia. A pesquisadora entrevistada pela Revista, na reportagem de capa, chega a afirmar que não se podia mais tratar sobre segurança e políticas públicas sem levar em conta o trabalho feito pelas igrejas evangélicas nas comunidades (VEJA, 1998, p.89).

Essa enunciação histórico-social nos permite analisar o material verbo-visual ideologicamente articulado nessa capa de modo mais seguro, pois, relacionando o período em que se inscreve o enunciado que analisaremos e os elementos entoados axiologicamente pela Revista, percebemos que a unidade básica de sentido que se instaura na capa é a de mudança, a de transformação.

Essa premissa é confirmada já no exame da descrição da capa, pois, quando *Veja* afirma: “Kellé, ex-viciado em drogas, hoje evangélico”, são estabelecidas duas realidades, uma anterior, de vício em drogas, e uma posterior, de seguidor da religião evangélica, e em que a segunda nega a primeira, ou seja, aquele que é evangélico não pode ser viciado, portanto, ele é um ex-viciado. A concepção de mudança está aí latente, pois, à medida que admitimos os sentidos próprios da esfera semântica de vício em drogas e confrontamos com os da igreja evangélica, é só pelo sentido de transformação que concebemos a relação próxima entre esses dois elementos semióticos. E essa unidade semântica é reiterada em muitos momentos do signo ideológico em análise, como poderemos constatar.

Notemos também que a personagem fotografada não tem seu rosto revelado na capa, mas é identificado por Kellé, que era o seu apelido utilizado quando ainda podia ser definido como um viciado em drogas. Nesse caso, embora haja a mudança de um comportamento para outro, o apelido que permanece como identificação aparece como resquício do modo de vida anterior, a marca do ontem no estado de hoje. *Veja* poderia ter caracterizado a personagem fotografada por seu nome, ou seja, como Wladimir Dias Franco (*VEJA*, 1998, p.89), mas prefere fazê-lo apenas no interior da Revista, para que o apelido estampado como caracterização na capa receba tons axiológicos de um indivíduo que não está totalmente mudado, não é outra pessoa, já que ainda pode ser identificado do modo como acontecia em sua vida pregressa. Assim, *Veja* utiliza o apelido da personagem para que seja apreendido com entonações próprias de seu excedente de visão.

Os elementos visuais são articulados na capa para caracterizar esse “novo homem”, que é o transformado pela igreja evangélica, pois a roupa inteiramente fechada remete ao fiel pentecostal da época que, como já discutimos anteriormente, era também identificado como tal por trajar roupas compridas que revelassem o mínimo de seu corpo. Esse modelo rigoroso quanto ao modo de se vestir das igrejas pentecostais assumia o caráter de signo ideológico à medida que se vestir com roupas longas e largas significava santidade e diferenciação entre as pessoas “do mundo”, aqueles que não seguiam os preceitos pentecostais, e aqueles que faziam parte dessa esfera discursiva. Apropriando-se, portanto, desse elemento semiótico no momento de compenetração, *Veja*, em seu retorno, reveste-o de seus valores plástico-picturais e significa-o de modo a fazer com que este signo seja configurado como objeto de seu discurso, de sua ideologia, servindo aos seus propósitos comunicativos. A Revista dá de sua visão elementos para enformar a personagem Kellé em seu acabamento exotópico, ou seja, o interlocutor *Veja*, munido da insubstituíbilidade de sua posição exotópica, constrói a imagem

do evangélico nessa capa em análise, a partir dos signos apreendidos na compenetração que agora servem como sentidos adicionais aos seus elementos transgredientes que serão semiotizados.

Além disso, há outros elementos visuais que merecem destaque em nossa análise. A cor branca da camisa e as unhas limpas e bem cortadas da personagem são entoadas ideologicamente de modo que nos remeta ao campo semântico de limpeza, que aqui toma dois sentidos: (1) de asseio, pois, segundo o imaginário comum não é a aparência que se espera de um indivíduo preso¹², e (2) de purificação, que é o resultado da transformação espiritual após o contato com a religião evangélica. Esse sentido, no entanto, entra em conflito com o elemento semiótico tatuagem, que é percebido no pulso e no dedo médio da personagem como que figurando a sujeira que representa a vida anterior à transformação, já que os desenhos revelados assemelham-se aos já tão comuns nas páginas policiais estampados nos corpos dos sujeitos apreendidos. Resgatando mais uma vez a dualidade que pauta muitas vezes os discursos religiosos, *Veja* estabelece a batalha entre Limpo X Sujo, Purificado X Impuro e ratifica a concepção de marca de vida pregressa que perdura apesar da mudança de atitude, que analisamos na descrição da imagem.

A mão adornada pela tatuagem é a mesma que segura a Bíblia aberta, outro elemento-chave para caracterização do discurso protestante como transformador, mas que ainda convive com um passado incoerente com o que se espera de uma esfera discursiva que pregue a completa transformação de vida.

Ainda como signo ideológico visual, temos a cor vermelha do enunciado que dá título à capa, que é mesma do título da Revista nesta edição, já que este é colorido diferentemente de acordo com a paleta de cores apresentada em cada capa. O tom de sangue utilizado no enunciado refrata a ideologia que se apresenta no enunciado verbal, que já prepara o interlocutor para o ambiente bélico em que são próprios os signos de disputa renhida, guerra, morte, perda, etc. Já o enunciado abaixo do título se apresenta em branco, mais um representante da dualidade Puro X Impuro estabelecida neste exemplar do gênero.

Os componentes da disputa da transformação expressos no primeiro enunciado verbal são “fé” e “crime”, estes contrários nos são apresentados, pela visão transgrediente de *Veja*, como estanques campos de luta em que um age na destruição do outro, o que percebemos pela palavra utilizada – “contra”, mas é o enunciado posterior – “Numa cruzada

¹²Essa informação é obtida na leitura do enunciado verbal. Detendo-se apenas à imagem não se infere que Kellé esteja preso, isso só ocorre quando na análise do gênero como um todo.

em presídios e redutos de traficantes, os evangélicos estão convertendo bandidos em soldados de Jesus” - que arremata todos os sentidos enformados no acabamento do interlocutor *Veja*.

O signo “cruzada” resgata o período histórico entre os séculos XI e XIII que ficou conhecido como aquele em que organizações militares expediram guerras a fim de conquistar Palestina, a terra santa e Jerusalém, apenas por motivações religiosas. Assim, matava-se e morria-se em nome de Deus, além de impor a religião àqueles não-cristãos. Ao reinscrever o termo “cruzada” nesse enunciado, *Veja*, do seu lugar exotópico, o reveste de entonações ideológicas que mantenham relação com o sentido histórico que este signo reflete e refrata na sociedade. Assim, a exemplo dos soldados das cruzadas anteriores, os evangélicos vão até o campo inimigo – “presídios e redutos de traficantes” – e transformam os adversários em aliados.

Segundo a doutrina cristã evangélica, Jesus morreu na cruz para perdoar pecados a fim de aquele que o aceitar como salvador de sua vida seja redimido pelo sacrifício do Filho de Deus, no entanto, na imagem enformada acerca dos evangélicos no Brasil, são os membros da igreja evangélica que assumem esse papel redentor, e não Jesus. O agente transformador, portanto, aqui é o exército¹³ de Jesus e não o próprio líder.

A palavra “converter” é comum no discurso protestante, significando, como no sentido dicionarizado, mudança, transformação. Quem se converte muda de caminho e, no sentido religioso, de postura, de comportamento, o que, nos signos ideológicos articulados nesta capa, se revela tanto pela transformação de bandidos em soldados, quanto pela vestimenta diferente que se mostra como fundo da capa.

Como discutimos anteriormente, é a mudança, a conversão, que permite unir dois elementos contrários em uma só unidade semiótica. A dualidade ratificada no segundo enunciado - Bandido X Soldado - também é unida pelo sentido de mudança entonado na capa. Bandidos não podem ser soldados, a menos que haja uma grande transformação nos sujeitos, o que, segundo a entonação axiológica de *Veja*, é feito dos evangélicos, que fazem prisioneiros e traficantes converterem-se em soldados. Estes soldados convertidos não são soldados comuns, isto é, ligados a alguma força militar, são soldados de Jesus, lutam na guerra de Jesus, guerreiam por ele. Deste modo, os bandidos que antes eram vistos como vilões, agora são heróis prontos para empreenderem novas cruzadas para o exército do qual

¹³ O signo exército é bastante comum mesmo entre a esfera discursiva protestante. Não raro, grupos cristãos se autodenominam de Exército de Jesus. A respeito disto, podemos citar o grupo Exército de Salvação que teve origem em Londres, no ano de 1965, e que se difundiu no mundo com o lema “sopa, sabão e salvação”, fazendo obras de caridade a populações pobres, vítimas de catástrofes, entre outros públicos. (Informação retirada do site do grupo: <http://www.exercitodoacoes.org.br/quem-somos-1> Acesso em: 12 de fev. de 2015).

fazem parte.

De seu excedente de visão, a Revista *Veja* constrói a imagem de um objeto que não foi apreendido em sua totalidade, mas que foi preenchido por tons emotivo-volitivos de seu contemplador. Por isso, ainda que *Veja* assuma como sentido central de sua capa a transformação positiva ocasionada pela esfera discursiva evangélica, o faz de modo acusador, pois, mesmo que o bandido convertido não pratique exatamente as mesmas ações da época anterior à sua conversão, este ainda é identificado por seu apelido e tatuagens, além de apenas trocar a arma de fogo por outra, a Bíblia, que agora é o modo como ele converte o outro, e vestir a farda que lhe discrimina como evangélico pentecostal, um soldado de Jesus.

CONCLUSÃO

Apoiados no pensamento do Círculo bakhtiniano, consideramos que os sujeitos se constituem nas relações alteritárias e a partir delas. Então, podemos dizer que tudo o que em nós significa e nos define, até os sentidos mais íntimos, deita raízes no outro. No entanto, esses sentidos não são sempre apreendidos de forma amistosa e nem sempre empregados positivamente. Eles constroem, mas esse construto é resultado de disputas ideológicas e vozes sócio-histórico-culturais diversas.

Foi esta interdependência vital que temos do outro, que conosco guerreia pela hegemonia do sentido, que alimentou esta pesquisa para investigar de que modo a Revista *Veja*, de seu lugar exotópico, significa seu outro, a esfera religiosa evangélica.

O não-álibi, que envolve a relação alteritária, defendido por Bakhtin (2010b) em *Por uma filosofia do ato responsável*, é o que nos autoriza a apontar a Revista *Veja* como um dos discursos promulgadores da desigualdade entre o campo discursivo protestante e aqueles que nele não se inscrevem. Assumindo sua posição exotópica insubstituível no discurso da vida, *Veja* desfruta do prestígio que possui junto a muitas esferas ideológicas, em sua maioria aquelas de maior influência econômica, para fazer com que seus consumidores ocupem seu lugar de excedente de visão e ponham-se igualmente contra o grupo que analisamos.

Diferentemente do que se pode pensar, não é o fato de *Veja* tratar sobre os evangélicos no Brasil em suas capas que confere espaço a eles e a seu discurso para estes dizerem de si. O contemplador, neste caso, aborda a religião como fator ideológico que constrói os sujeitos e, conseqüentemente, ideologias no mundo a partir do seu excedente de visão. No entanto, não é a voz dos membros evangélicos que compõem os tons examinados

nas capas: as vozes destes podem ter sido até apreendidas, na compenetração, mas receberam contornos próprios do esquema ideológico da Revista. A voz que ouvimos, portanto, não é da esfera evangélica, mas a da Revista *Veja*. Assim, podemos perceber pela análise que as vozes ideológicas do grupo evangélico passam pelo silenciamento de *Veja*, isto é, elas até existem, mas são sufocadas pelos signos ideológicos hegemônicos do periódico.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Marília. Cronotopo e exotopia. In: BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad. Maria Ermantina Galvão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. *Estética da Criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2010a.

_____. *Para uma filosofia do ato responsável*. São Paulo: Pedro & João editores, 2010b.

BAKHTIN, Mikhail/VOLOCHÍNOV, Valentin. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec/Annablume, 1981.

_____; _____. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec/Annablume, 2006.

BRANDIST, C. *The Bakhtin Circle: Philosophy, Culture and Politics*. London: Pluto Press, 2002.

CLARK, Katerina; HOLQUIST, Michael. *Mikhail Bakhtin*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

FARACO, Carlos Alberto. O problema do conteúdo, do material e da forma na arte verbal. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin, dialogismo e polifonia*. São Paulo: Contexto, 2009b, p. 95-111.

FIORIN, José Luiz. Categorias de análise em Bakhtin. In: PAULA, Luciane de; STAFUZZA, Grenissa (orgs.). *Círculo de Bakhtin: Diálogos in possíveis*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010.

MARCHEZAN, Renata Coelho. Diálogo. In: BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006.

MARIANO, Ricardo. *Análise sociológica do crescimento pentecostal no Brasil*. Tese de Doutorado, São Paulo, FFLCH-USP, 2001.

_____. *Neopentecostais*. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

MATOS, Alderi Souza de. O movimento pentecostal: reflexões a propósito do seu primeiro centenário. In: *FIDES REFORMATATA* XI, N° 2 (2006): 23-50.

VEJA. *A fé contra o crime*. São Paulo: Abril, ed. 1555, n 28. jul. 1998.

Grupo Abril. Disponível em: <http://grupoabril.com.br/pt/quem-somos/roberto-civita/biografia>
Acesso em: janeiro de 2014.